

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Afonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3o30 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 3200 * Brasil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 * Numero avulso..... 3000 *	N.º 48	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

DUAS PROPOSTAS SYMPATHICAS

... E sobretudo uteis, eis como devem ser qualificadas as que o sr. Augusto Fuschini conseguiu fazer approvar pelos seus collegas da camara municipal de Lisboa.

Registando com vivo jubilo n'esta revista essa tão civilisadora e tão generosa iniciativa do illustre vereador e deputado, cumprimos um grato dever de consciencia, e prestâmos um testemunho de consideração e de reconhecimento ao bom querer de um homem sinceramente devotado á resolução das questões sociaes, que n'estas columnas mais de que uma vez temos tratado.

Consola na verdade, quando o nível politico tão baixo vae já, que alguns altos espiritos começam a ter por elle a nausea que provocam todos os logares infectos, e tantas consciencias se retrahem n'um silencio desalentado e melancolico, fugindo horrosadas de um *meio* que tudo envenena,—consola ver ainda um ou outro caracter intemerato, uma ou outra intelligencia incontaminada, dedicarem-se com enthusiasmo e com vontade á ingrata, escabrosa e ingloria propaganda de um certo conjunto de verdades, que nem por serem verdades são melhor acolhidas ou apoiadas.

Eis porque quando, como no caso presente, algumas d'ellas logram vingar, os que de qualquer modo as têm servido, mesmo de longe e na obscuridade, sentem a alegria refflorir-lhes na alma, e por um momento vêem a sociedade e a vida taes como ellas deveriam ser e não taes como ellas infelizmente são.

Não sabemos se parecerá exagerado o que deixámos dito, quando virem que nos referimos ao facto de haver a camara votado a ida a Paris de alguns operarios subvencionados pelo seu cofre, e decidido a construcção de um bairro de casas baratas e hygienicas: ha gente que só qualifica de importantes certos e determinados acontecimentos, taes como a saída de um ministro, a transferencia de um administrador de concelho, a perda de uma eleição, ou outros assim transcendentaes, e que não liga a menor importancia a qualquer acto emergente de uma diversa ordem de principios.

Não vimos já nós citado na imprensa o caso singular e estranho de que «por felicidade já no nosso

parlamento se não discutiam idéas?» quando, deveria escrever-se: que o não se discutirem é que era uma desgraça?

Não será, pois, muito para estranhar que appareça até quem longe de louvar o sr. Fuschini e a sua fecunda iniciativa, o censure e á camara por esse malbaratamento dos dinheiros publicos, que tem a pecha de obedecer a umas certas idéas.

Felizmente que a uma dada altura não se ouvem as atoardas barulhentas dos incontinentes ou dos dementados, nem as oburgatorias mais ou menos demosthenicas dos agitadores de qualquer ordem, e que no caso sujeito a camara nem mesmo teve que premunir-se contra essa tempestade, porque em geral as suas medidas foram até calorosamente applaudidas por alguns.

Com effeito, desde que já hoje todos nos vamos compenetrando de que só é mais forte o que mais sabe, e que n'este medonho combate da existencia serão os melhor providos que maiores probabilidades terão de melhor resistir, armar a industria nacional com a mais larga e mais util copia de conhecimentos uteis e de observações praticas é prestar-lhe um serviço tão relevante e tão alto, que não serão demasiados os louvores dirigidos aos que n'isso pensem.

Convem ser proteccionista, quaesquer que sejam as litanias tecidas em honra da liberdade do commercio, a qual pôde ser e é muitas vezes a liberdade da fraude e do despotismo,—e nós em mais de um artigo temos defendido esse principio honesto e patriótico — mas é conveniente que só se proteja o que realmente merece ser protegido; e sobretudo é indispensavel que n'aquillo em que os trabalhadores portuguezes podem ser tão perfectos como os estrangeiros, essa perfeição se attinja se não for possível exceder-a. Ora para isso só existe um meio: fornecer a esses trabalhadores elementos de comparação e de estudo, facilitar-lhes as viagens aos centros mais cultos e adiantados, proporcionar-lhes, em summa, os indispensaveis recursos concernentes a esse fim; e desde que Paris realisa uma exposição que, a despeito de todos os vaticinios pessimistas, não poderá deixar de ser duplamente grandiosa, pelo que ha de mostrar e pelo que significa — nenhum ensinamento melhor do que esse poderá facilitar-se, ao exame, e á curiosidade de quem souber *ver* e de quem deseje instruir-se.

Isso mesmo que o municipio de Lisboa agora fez, deveria fazel-o o governo todos os annos, tornando extensivo ao ensino industrial o que até agora só tem facultado a alguns ramos do ensino artistico.

E devia fazel-o n'um ponto de vista desassombrado e largo, não se limitando só a mandar lá fóra um ou outro alumno de Lisboa ou Porto, mas de qualquer ponto do paiz, desde que este pelo seu aproveitamento nas escolas industriaes ou em alguma officina fosse digno d'esse auxilio, e houvesse reconhecida vantagem em completar a sua educação professional e os seus conhecimentos especiaes.

Acreditemos para honra do parlamentarismo portuguez, que nenhum deputado votaria uma moção de censura ao gabinete que assim procedesse, e que até ninguem pediria a palavra sobre o modo de propor...

Já fez isto um estadista, cujo nome não é a primeira vez que se cita n'este jornal, o eminente professor Antonio Augusto de Aguiar, e valia a pena que o que este espirito, que via largo e que via longe, fez como tentativa, acabasse por ser feito em determinados períodos, em resultado de uma obrigação legal.

Esta medida, complementar da fundação dos museus e das escolas industriaes, que o mesmo benemerito ministro teve a gloria de iniciar, e que um outro, o sr. Emygdio Navarro, consideravelmente desenvolveu e ampliou, não faria senão contribuir para o futuro renascimento da industria portugueza, que precisa, para honra sua e nossa, de dispensar de uma vez para sempre as andas que quasi constantemente lhe tem emprestado a industria estrangeira, e que ella raro pôe de lado com medo de tropear...

Por felicidade já hoje em mais de um ramo nós vemos que não tem rasão de ser esse medo, e oxalá que cada dia elle vá desaparecendo até sumir-se de todo.

Temos muita fé nas escolas creadas ou em via de criação, e igual sentimento nos anima com respeito á missão operaria que deve agora visitar a exposição franceza.

As bases em obediencia ás quaes ella deve trabalhar, e o plano a que tem de cingir-se, e que foi tão lucidamente elaborado pelo sr. Augusto Fuschini, hão de certamente produzir os fructos que nós desejámos e que o seu illustre auctor teve em mira.

Quanto á outra proposta não sabemos se, apesar de approvada, começou já a ter a realisação necessaria, mas desde que ella tem a patrocinal-a a boa vontade tenaz e intelligente de um homem que na sua vida publica repetidas vezes tem dado provas de quão vivamente o interessam os verdadeiros problemas sociaes, os problemas d'este tempo, pôde tambem considerar-se resolvida, e as difficuldades que se levantarem a tentar embargar-lhe a acção hão de desaparecer, creiam.

No meio das pequeninas e vergonhosas retaliacões politicas em que quasi se têm consumido por completo a maioria das intelligencias portuguezas d'este ultimo quarto de seculo, inutilizando-se tantas d'ellas

para as nobres e generosas questões que deveriam solicitar-lhes a attenção e exigir-lhes o estudo, é grato ver que algumas podem resistir á onda, e sabem conservar-se erectas e dignas no seu logar e na sua missão, e faz bem saber que alguns serios espiritos despendem o melhor do seu tempo para tornarem uma verdade pratica as idéas que um dia os encantaram nas suas especulações philosophicas.

O sr. Augusto Fuschini pertence entre nós a este infelizmente pequeno, pequenissimo numero, e ainda agora, yendo nas theses que se discutem no congresso juridico uma que diz respeito ao trabalho de menores, mais uma vez o seu nome nos acudiu aos bicos da penna, lembrando-nos da sua bella proposta que sobre o mesmo assumpto dorme hoje o somno dos justos n'uma das varias commissões da nobre camara dos srs. deputados, em companhia de outras muitas de igual valor e utilidade, á espera que os illustres legisladores se lembrem de que foram eleitos para mais alguma cousa do que para servir situações ou derrubar ministerios...

APFONSO VARGAS.

PARA A HISTORIA DA TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA¹

À Excellentissima Senhora Condeça de Unhão

entrando a ver a impressão, que tinha hido para sua casa, na qual se estavam tirando as primeyras provas da Allegação da Casa de Aveyro, etc.

DECIMA

Condeça excelsa de Vnhão,
Em quem soube a natureza
Fazer igual á belleza
Elevada a discrição;
As letras desta Impressão
Afortunadas, e bellas,
Quando vós chegaes a vellas,
Já nos primeyros ensayos,
Estampão do Sol os rayos,
Pois hum Sol as faz estrellas.

(Allegação da causa de Unhão. Lisboa por Francisco da Silva, 1748.)

Ao senhor D. Jozeph da Costa

dignando-se de ir ver a officina de Impressão de Mathias Pereyra da Sylva

SONETO

A estampa, que em laminas se apura,
Industria foy de huma Arte aventajada,
Para que assim ficasse perpetuada
A fama de qualquer nobre Escritura.

Mas hoje foy industria da ventura
O ficar minha Estampa eternizada
Pela vossa Pessoa sublimada,
Quando ir vela solicito procura.

Mayor ventura, gloria mais sublime
Meu respeito, e advertencia solemniza,
Para que com mais jubilos a estime;

Pois quando em Impressões se symboliza,
Se qualquer fama em laminas se imprime,
Hoje esta dita n'alma se eterniza.

¹ Esta e outras curiosidades que temos para publicar devemoz-as á obsequiosa amabilidade do ex.^{mo} sr. conselheiro Deslandes, dignissimo administrador geral da Imprensa Nacional.

HERCULANO E GARRETT

Vae decorrido quasi um anno depois que foram solemnemente trasladados, do humilde cemiterio da Azoia para o magestoso templo dos Jeronymos em Belem, os restos mortaes do grande historiador portuguez Alexandre Herculano.

Esta cerimonia, lugubre mas imponente, foi uma verdadeira demonstração civica.

O sarcophago veiu de Santarem em comboio expresso até á estação de Alcantara, e d'ahi seguiu para Belem, por entre alas de povo de todas as classes sociaes, acompanhado pela commissão executiva encarregada da superintendencia das obras do mausoleu, monumento primoroso, construido a expensas de uma commissão particular, com a acquiescencia e coadjuvancia do governo, e expressamente destinado para derradeira morada do illustre historiador.

Ao presenciarmos as honras prestadas a Herculano, tivemos a vevidez de acreditar que o templo dos Jeronymos, esse padrao immorredouro das nossas gloriosas descobertas e conquistas, ia converter-se em pantheon nacional, á similhaça de Westminster, e folgámos com essa idéa, porque entendemos que a patria tem por dever perpetuar a memoria dos homens que a illustraram e ennobreceram. Chegámos a persuadir-nos que em breve se daria ali honrosa guarida aos despojos de alguns dos nossos homens notaveis, e só faziamos votos para que na selecção d'aquelles a que se devessem tributar essas honras houvesse sempre o mais equitativo escrupulo, para que não fossem só relembrados uns, votando-se outros ao ostracismo.

Infelizmente, a descrença, essa precursora da desillusão, começa já a apoderar-se do nosso espirito.

Ao pensarmos em Herculano occorre-nos involuntariamente á memoria o nome de um homem, não menos illustre que o d'elle, que foi seu contemporaneo, seu intimo amigo e companheiro no exilio—GARRETT.

Se na balança do merito podessemos lançar de um lado a pena sublime de Herculano e do outro a do auctor do *Frei Luiz de Sousa*, estamos certos que o desvio no equilibrio não seria muitissimo sensivel!

Emquanto Herculano desenterrava dos archivos os documentos para a sua *Historia de Portugal*, que tão primorosamente escreveu, expurgando-a dos erros que, por servilismo e adulação para com os monarchas, ou por simples superstição e fanatismo religioso, lhe haviam introduzido os velhos chronicistas mores do reino, Garrett affirmava os seus variados conhecimentos, não só sob todas as formas de litteratura —poeta, dramaturgo, romancista, etc.— mas até como orador, pois foi um dos mais bellos ornamentos da tribuna parlamentar, não encontrando competidor senão em José Estevão, mas levando-lhe ainda assim a palma na correcção da phrase e na elegancia e rendilhado do estylo.

Pois bem; se n'este velho Portugal existe ainda o amor da justiça e da equidade, parece-nos ser tempo de se pagar uma divida de gratidão, indo procurar ao fundo do cemiterio occidental, no jazigo n.º 455 da familia Brito do Rio, os despojos mortaes do eminente auctor das *Viagens na minha terra*, do *Camões*, da

D. Branca e de tantas outras produções de subido valor litterario, para se lhes dar sepultura condigna ao lado de Herculano.

E urge não dilatar a realisação d'este pensamento, porque o tempo, que tudo destroe, pôde fazer com que de um momento para o outro desapareçam essas preciosas reliquias. Portanto, apressemo-nos, para que a posteridade não tenha que dizer de nós o que o proprio Garrett dizia dos contemporaneos de Camões.

P. FREITAS.

MISCELLANEA HISTORICO-LITTERARIA

(Continuado do n.º 44)

V

Memorias do convento das Flamengas

Entre os manuscritos, que do extincto convento das *Flamengas* passaram para a bibliotheca nacional de Lisboa, ha um volume feito com esmero em 1728, por ordem de *soror* Maria Leonor de Santa Rosa, que a esse tempo era escrivã da referida casa monastica, no qual, por entre muitas noticias que só teriam valor para um trabalho monographico, d'enrolta com rapidos apontamentos historicos, que, longe de representarem uma tradição comprovavel, posta por escripto para se perpetuar, revelam apenas uma crença ingenua, mas firme, em velhas lendas piedosas, —de permeio com tudo isto, se recordam acontecimentos da vida politica do paiz, apreciando-os por forma que é sem duvida interessante para quem procure constituir uma psychologia social retrospectiva, observando nos seus vestigios, nas suas revelações, nos seus reflexos, que conseguiram ficar stereotypados, a physionomia de uma dada sociedade n'uma determinada epocha, e tome por objecto do seu estudo o Portugal de 1600, o de 1700, o da primeira metade do seculo actual.

Por exemplo: —As luctas, as perturbações, que assignalaram dolorosamente a substituição do antigo regimen pela nova ordem, —ou desordem, —de cousas politicas, não as refere detidamente esse livro de memorias e impressões. Falla, porém, d'ellas nas seguintes linhas de critica:

«Desde 1812 até ao presente têm occorrido cousas tão extraordinarias em Portugal, que a historia do nosso tempo asombrará os vindouros—1846.»

Paginas antes, ao fixar a noticia de umas reparações no telhado da igreja e no côro, feitas em 1846, «apesar de tantas contradicções dos tempos e dos homens», refere-se amargamente á pobreza a que chegára o convento, mercê da politica:

«Com as guerras civis, que, desde 1820, hão talado e destruido este reino, até ao presente, e que para o futuro ameaçam outros maiores estragos; com a final cessação do governo do senhor D. Miguel, com a violenta invasão do ex-imperador dos brazileiros, e dominação de seus successores e agentes, foram-nos tiradas todas as nossas ordinarias, que percebiamos de varios almoxarifados, e tudo mais que haviamos do estado e em recompensa do que, só agora percebemos uma prestação mensal de vinte e cinco mil réis, para cuja percepção nos passaram um titulo...»

Esta apreciação, onde se procurou apagar as linhas em que se falla de D. Miguel e de D. Pedro, não era uma opinião individual, isolada.

Portugal não está ainda completamente secularizado, desfradado, e muito menos o estava em 1846. Os conventos exerceram sempre, como expressão material da idéa religiosa, que predominava, uma influencia notavel, e por vezes decisiva, nos destinos do paiz, e talvez com particularidade, pelo menos em algumas epochas, os conventos de freiras.

É que, se porventura pôde ser fixada a regra de que *as mulheres governam o mundo* (mesmo sem terem *direitos políticos*, e apenas pelos direitos da sua propria organização), Portugal não depõe contra a verdade generica d'esse principio. No que toca ao passado, ha apenas uma differença entre nós e algumas das outras nações: — foi atravez das grades dos conventos, que a porção mais bella da humanidade fez actuar em nossa terra a sua influencia suavemente preponderante.

A propria galanteria, — que tambem por cá a tivemos, — estava longe de ser profana: d'ella se desprendia o mystico perfume do incenso, e uma revoada de harmonias consonantes de cantochão.

Mas, tudo isto veiu para explicar o motivo por que nos devem merecer exame os escombros dos conventos: — vive n'elles, imponderavel, mas perceptivel para o historiador, o *substractum* de muitas epochas distantes.

Hoje, destacámos, porém, do livro que provocou as divagações precedentes, a narrativa de um facto moderno: — a morte do erudito escriptor D. Francisco Alexandre Lobo, que foi bispo de Vizeu.

JOSÉ PESSANHA.

«No dia 18 de junho de 1844, sendo abbadesa terceira vez a madre suor Maria Benedicta do Sacramento, chegou a este mosteiro, vindo da sua emigração de Paris, o ex.^{mo} sr. D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Vizeu, acompanhado do seu capellão e secretario o padre José Correia do Rosario, que vieram residir como hospedes em o nosso hospicio, que, posto era pobre, foi para elle de muito gosto e agrado.

«Este respeitavel e virtuoso prelado, a quem as discordias politicas de nossa patria obrigaram a uma tão longa peregrinação, voltava a este reino com o fim unico, e sobretudo com ardente desejo, de ser reintegrado no seu bispado, d'onde se achava separado havia dez annos, isto é, desde o tempo da famigerada capitulação de Evora-Monte.

«Em todo o tempo que residiu e viveu no nosso hospicio, trabalhou incansavelmente com o governo, a fim de lhe ser permitido regressar ao seu bispado, o que não pôde conseguir, e esta foi talvez a causa, que lhe abreviou seus dias.

«Depois de nos haver edificado tanto com suas virtudes no breve espaço de tempo, que aqui residiu e viveu, caiu gravemente enfermo no começo de agosto do mesmo anno, e a 8 de setembro, havendo commungado á missa celebrada pelo seu capellão e secretario no seu oratorio, levantado n'uma sala do mesmo hospicio, sentiu-se mui anciano, e conheceu proximo o termo da sua carreira n'este valle de lagrimas. Com effeito, no dia 9 do dito mez pediu a Extrema Unção, que lhe foi administrada pelo nosso capellão, que então era o padre Francisco Antonio Marinho, da congregação da missão; e havendo com muita humilidade pedido perdão a todos, e deitado a benção á sua igreja, entregou o seu espirito nas mãos do Senhor, pela uma hora da tarde do dito mez e anno.

«Com as necessarias licenças do governo, com a presidencia do ex.^{mo} sr. bispito titular de Cabo Verde, direcção do pio e habil mestre de ceremonias, padre Luiz Nogueira, foi o corpo do sr. bispo de Vizeu, já embalsamado nas casas do hospicio, depositado no dia 11 de setembro na capella mór da nossa igreja, depois de celebradas solemnes e decentissimas exequias.

«Ali ficou o corpo até ao dia 4 de novembro, no qual dia, depois de cantada pela comunidade uma missa de *Requiem*, assistida de bom numero de ecclesiasticos, saiu o corpo trasladado para Vizeu, conduzido pelo padre secretario, que tam-

bem foi acompanhado pelo nosso capellão até á Castanheira, e no dia 14 do mesmo mez entrou na cidade de Vizeu.

«Existe no cartorio d'este mosteiro uma memoria impressa da vida d'este respeitavel prelado, feita pelo sr. Francisco Eleuterio de Faria e Mello. — 1846.»

O TEU PERFIL

Como quando uma aria, em meus ouvidos,
Manso e quêdo se grava, a pouco e pouco
Do teu perfil os traços foragidos
Gravou meu coração, faminto e louco.

Pairam primeiro as notas mal distinctas,
Um enxame de abelhas... zumbe e passa;
São — da rosea manhã fugaces tintas,
Como um bando de arveloas, que esvoaça.

Mas as notas aereas vão poisanço,
Leves, sutis... como é sutil o insecto...
Tê que a final todo esse aereo bando
Senta arraias e poisa por completo.

Foi assim que em minh'alma, traço a traço,
O teu perfil, gracioso e sorridente,
No meu estreito e compassivo abraço,
Pôde gravar-se, enfim, profundamente.

E é inda assim que o teu perfil distante,
Firme, correcto, doce, illuminado,
Como um brioso e classico estuante
Hoje tenho de côr e saltado.

LUIZ OSORIO.

ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR

É antiga a nossa admiração e a nossa sympathia pelo homem cujo retrato a *Imprensa* tem hoje a honra de publicar.

Não foi preciso que a Morte viesse sagral-o com o seu beijo de eterna paz, e fazer de cada diatribe ou de cada improprio com que por vezes o amesquinham em vida, uma centelha da serena e refulgente luz que lhe illumina a memoria, para que lhe prestassemos a homenagem que era devida ao seu largo, culto e radiantisimo espirito.

Esse sentimento nasceu-nos de quando o ouvimos pela primeira vez nas suas celebres conferencias sobre vinhos, em que ás verdades da mais genuina e incontestavel sciencia se enlaçavam tanta vez os conceitos do mais acendrado, do mais eloquente e sobretudo do mais sensato patriotismo, que porventura podem inspirar uma bella intelligencia e fazer pulsar um nobre coração; em que aos ditos do mais fino humorismo e da mais cortante ironia vinham unir-se as apostrophes da mais pura e da mais justa indignação, quando a indignação se tornava precisa para ferir fundo e forte.

Então, como com tanta graça como verdade escreveram as *Farpas*, quasi quizeram expungir-o da patria, porque um homem assim, independente e brilhante, «punha n'ella nodos»; então, não faltaram «os amigos de bom nome do paiz» a conclamar possesos que o que esse homem estava pregando ás gentes, do alto da sua embofia de sabio, eram calumnias que maculavam o nome portuguez, injustiças que feriam a sua reputação e apocavavam a sua riqueza.

Então houve quem dissesse que a sciencia o que fazia era maldizentes pretenciosos e theoreticos insupportaveis, que imaginavam reformar o mundo com as suas catilinaras ou com os seus conselhos, e não asseverámos que por essa occasião o illustre chimico fosse capaz de fazer incolume a travessia do paiz.

Depois, como felizmente succede sempre, correram os dias e os mezes, passaram os annos, e toda essa fumarada espessa, que levanta a vasa das mais paixões, dos vergonhosos interesses, das rotineiras doutrinas, de tudo em summa quanto é rasteiro e torvo, e pequenino e mau, sumiu-se no ar, para muito alem das nuvens, e ás verdades que o eminente professor havia engastado numa linguagem a momentos primorosa e sempre litteraria e elegante, appareceram em toda a sua claridade primeira, em toda a superior fulguração da sua divina essencia; e alguns d'aquelles mesmos que mais haviam atroado o espaço com o

rumor da sua voozeria infrene, morderam submissos o pó, e vieram enfileirar-se na legião dos seus sectarios.

É sempre esta a historia de todos os homens que ultrapassam a craveira commun, e se fazem levitas ou portadores de alguma grande idéa, que as massas não podem ou não sabem comprehender.

Pois não viram, para só fallarmos de nós, o que succedeu a esse luminoso e immorredouro espirito que se chamou Alexandre Herculano, o qual foi lançado á excreção das almas, até do alto de cadeiras d'onde não deviam sair nunca senão palavras de conciliação e de paz?

Acudiu-nos precisamente aos labios o nome do grande victente da nossa historia, porque elle teve um ponto de contacto com Antonio Augusto de Aguiar:—o seu grande, o seu intratável orgulho, como diziam.

De quão calumniosa e oca era essa accusação feita a Herculano não testemunho unanime todos que com elle privaram, e que o viram sempre de uma simplicidade, de uma lizeza e sobretudo de uma ingenuidade raras, indo em geral com uma boa palavra attraente e amiga ao encontro dos que sabiam como se devia fallar áquelle gigante, que não precisava peanhas para que o vissem bem; de quão intundada era tambem essa accusação a Aguiar, podem dizel-o todos os seus discipulos, e não foram poucos, nem de uma só categoria, podem confirmal-o quantos tiveram occasião de o conhecer ou de o tratar.

O que, em geral, se chama orgulho em certos espiritos não é senão o natural retrahimento que elles sentem em presenca de um mundo que não os comprehende, e o legitimo e sagrado amor da rutilinea branca das suas idéas, de que elles, divinos missionarios mysteriosos, se consideram apenas augustos portadores, e que não podem ver desrespeitadas pela ignorancia ou violadas pela maldade.

E quando, como tantas occasiões succede, a inveja dos que poderiam, mas não querem ver, faz côro com a grosseira ignavia dos que não sabem, os que vivem para o seu ideal e do seu ideal, forçadamente têm de revoltar-se e de ferir um ou outro imprudente que lhe roçou pelas arestas...

Foi isso o que aconteceu com Herculano, foi isso o que se passou com Aguiar.

E a um cômo a outro quiçá faltaria ás vezes a suprema philosophia pacificante, feita de desprezo e feita de perdão, com que certos organismos privilegiados encaram as injustiças das cousas e dos homens...

Mas Antonio Augusto de Aguiar, mercê dos diversos meios em que o seu espirito se temperou, pôde, melhor que o incomprehendido auctor da *Abobada*, supportar com bonhomia o *mau quarto de hora* que teve de passar, ou foi mais feliz pela logica do seu caracter e do seu temperamento, que tambem tem uma logica, e por fim logrou vencer, conseguindo impor até muitas das suas idéas.

N'esta segunda phase da sua vida o illustre professor apparece-nos estadista e homem politico, e levando para ella a forte envergadura da sua masculina vontade, a sua complexa e perfeita erudição, e o seu desejo de fazer alguma cousa de grande e de util, se a sciencia pura teve de chorar a perda de um crente que lhe desertava das aras, a sciencia applicada rejubilou, porque viu, o que tão poucas vezes vê, um sabio levar para a politica os seus processos de experimentação e de trabalho, e em logar de desperdiçar o tempo em questúnculas sem valor e sem vantagem, consimil-o no estudo de medidas de utilidade futura ou immediata.

Filiam-se n'este principio a criação das escolas industrias, a formação de museus de artes e officios, a ida para o es-

trangeiro de uma missão de operarios, os melhoramentos do porto de Lisboa, e o estudo de muitas medidas de largo alcance social e patriótico, que elle não logrou tornar uma realidade pela sua curta estada no poder, mas a que dedicou horas de estudo.

Citamos entre ellas a arborisação das montanhas e a fixação das areias, a regulamentação do trabalho dos menores, o estudo das nossas aguas medicinas, etc., algumas das quaes se não eram da sua iniciativa, certamente receberiam d'elle um largo impulso, se lhe houvesse sido dado fazel-as yingar.

* * *

Não sabemos qual é o criterio proprio para definir o que no entender geral se chama um estadista.

Se é orientar a corrente publica no sentido de aceitar umas certas medidas, e ter em vista que estas não sejam em ultima analyse mais do que uma equação d'estes dois termos, commodidade geral e progresso individual; se é achar a forma practica dentro da qual se possam enquadrar umas certas hypotheses ou theorias scientificas, achando no bom senso o coefficiente de correção preciso; se é finalmente edificar, não

apenas para a hora presente, passageira e rapida, mas para um mais solido e mais estavel periodo, não temendo para isso sacrificar nem ambições, nem interesses, nem habitos inveterados, nem doutrinas consagradas; se é isto ser estadista, então quer-nos parecer que o foi Aguiar, e de não pequena estatura; se não é isto e é antes... o que os senhores muito bem sabem que tambem pôde ser, então elle não o foi nem podia sê-lo, e o nome que lhe quadra é o de ingenio, que imaginou que os povos se governam e se elevam com idéas e não com expedientes...

Será tudo questão de saber ver.

E a proposito de ver, e para terminar, o homem que nos suggeriu estas linhas via tão longe e tão claro, que estudava já o problema de dar que fazer ao excedente dos trabalhadores que cá ficassem depois de terminados os trabalhos do porto de Lisboa.

Por aqui se infere como veria ao pé quem assim via ao longe.

Quanto ás qualidades que distinguem o seu privilegiado espirito basta, como dissemos, saber-se que acabara por vencer.

os seus mais encarniçados antagonistas das suas doutrinas, e os que lhe chamavam em côro um mau patriota eram os que a final se haviam compratenado de que esse mau patriota tinha um vehemente e entranhado amor por todas as cousas da sua terra, dedicava-se com enthusiasmo á regeneração da industria nacional, que via agora n'elle o seu mais competente e mais caloroso defensor, e sabia fazer respeitado e querido lá fóra o nome da patria que lhe dera o ser.

Tudo isto o comprehendiam já agora os corações verdadeiramente portuguezes e bem intencionados, e eis por que a morte de Antonio Augusto de Aguiar foi tão unanimemente sentida, e porque é tão grande e tão funda a lacuna que elle aqui deixou, que até hoje ainda não foi preenchida, e tarde o será, especialmente em determinados pontos.

Restava-nos fallar do homem de sciencia, do sabio, mas falce-nos a a competencia para tal, e nada poderíamos acrescentar ao que outros disseram já.

Pomos, pois, ponto aqui, fazendo do seu ultimo voto: é que a memoria do seu nome e dos seus serviços viva, se não no coração de todos, pelo menos no coração d'aquelles que desejem saber como é que se serve a patria, e como é que se pôde ser util.

AFFONSO VARGAS.



HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado do n.º 43)

Mas nem foi preciso isso. O sr. Guimarães, que era um homem bom, concordou em auxiliá-la na sua boa obra e como, segundo dizia, o Thomé já não podia, decentemente, voltar para a sua loja — por causa dos exemplos, e porque não era correcto, — interessou-se com um amigo que tinha um grande estabelecimento de fazendas brancas, a que admitisse o rapaz, e quando o pae voltou a saber o que havia, foi elle o proprio que se encarregou de lhe explicar tudo, confirmando-lhe, com pequeninas palmas no hombro, que estavam satisfeitos os seus desejos: — o Thomé lá ia outra vez para o balcão — e, não o atormentasse mais.

O braguez, revirando o chapéu e dando ao rosto uma expressão de alívio, como se de cima dos hombros lhe houvessem tirado um peso enorme, respondeu — que ficasse sua senhoria descansado: — era pae e ninguém queria mais lá de dentro ao seu Thomé. Mas sua senhoria bem *havera* de comprehender que estava cheio de *resão*. Rapazes nunca sabiam o que lhes convinha. Sua senhoria mesmo, pondo-se no seu lugar, *havera* de pensar como elle pensava — que era para seu bem — do Thomé, esclareça-se.

O sr. Guimarães, concordou que sim, tinha elle muita razão; era pae, e os paes têm direitos sobre os filhos. Depois, effectivamente o Thomé o que devia ser era caixeiro. Elle mesmo, repetia, estava admirado como havia consentido, e com mais algumas reflexões emollientes e meia libra que lhe metteu na mão — para ajuda da jornada, despediu-o affirmando-lhe que o seu Thomé ficava sempre com aquella casa aberta.

Dias depois este dava entrada nos armazens do sr. Libanio, e o pae seguia para a sua provincia, tendo dito ao filho uma derradeira vez: — que tivesse agora ténio consigo e não desertasse mais do balcão — porque, ficasse-o sabendo, — desancava-o...

Aos domingos, depois de se fechar o armazem, o Thomé ia habitualmente ver *as senhoras*, e uma ou outra vez D. Felicidade dava-lhe dois tostões — para merendar.

O sr. Guimarães fallava-lhe tambem sempre com um ar protector e affavel e inquiria — se elle se ia dando bem, se tinha juizo, se o sr. Libanio estava contente.

O Thomé de ordinario fazia-se muito vermelho, e respondia entre dentes: que sim — saberia o senhor que sim, e n'isso resumia tudo. Tambem, o ferrageiro em geral não ouvia a resposta, e recommendava-lhe logo a seguir: — que trabalhasse, andasse direitinho e que se fizesse homem.

O Thomé tornava a acenar que sim, e retirava-se para a cozinha, onde ia desentramelar a lingua falando com a velha cozinheira.

Esta acabára por tornar-o seu confidente, e contava-lhe casos, minucias, historias de casa e das visinhas, alludia ao namoro da menina, á demora da outra lá por essas terras onde andava, e mil incidentes varios. Esta *outra* a que ella se referia, vinha a ser a irmã de Sophia, que continuava a viajar na companhia das suas amigas. Quanto ao aspirante e carregava muito no a — pelos modos estava a sair alferes,

segundo ouvíra á senhora, e mal elle deitasse o *galão* tratavam do casamento. Que ella ainda não dava nada por que tal acontecesse, pois que, não sabia dizer a razão, mas palpitava-lhe que o militar era um *sucio*. Mas emfim o que fosse soaria e se tivesse de ser havia de ser como resava o dictado.

O Thomé arriscava de longe a longe a sua observação sobre qualquer circumstancia que lhe despertava mais curiosidade, e permitia-se ás vezes o seu commentario a proposito.

A cozinheira em determinados assumptos olhava para elle admirada de tanta lucidez misturada com tanta ingenuidade, como a que o pobre Thomé ainda mostrava ter, e batendo-lhe no hombro, rematava a palestra com este conceito com que ella parecia querer explicar-lhe e explicar-se todo um mundo sybilino de cousas:

— Crescesse e apparecesse, que a quem Deus promette não falta.

E a miudo reforçava os seus dizeres, dando-lhe algum petisco — á mistura.

Decididamente era feliz o Thomé. Assim philosophava elle mesmo, uma noite, ao recolher ao armazem onde dormia, e se Deus lhe desse saude, — murmurava súplice, — talvez que ainda podesse vir a estabelecer-se um dia.

E dominado por esta idéa, que em certas occasiões chegava a tomar aos seus olhos o aspecto de uma cousa decidida e real, elle sentia-se forte e resolutivo, cheio de coragem, cheio de confiança...

Nesses momentos divinos em que na sua phantasia curta mas viva, vinha avultando esse sonho tão fulgurante e tão doce, elle esquecia tudo, as rudes e lobregas horas da sua vida de cada dia, as inclemencias que supportára ao Marques e até ao pae, o desconforto medonho e doentio do seu proprio quarto, e quantos estropícios lhe infligia o destino. Ser patrão um dia! Mas se tal lhe succedesse, elle seria a creatura mais feliz do mundo — e da sua aldeia, e nem lhe parecia que se podesse ser mais. E o dinheiro? Segredava-lhe uma voz que elle não saberia dizer d'onde vinha?! Ora: o dinheiro juntal-o-ia elle. Todo o que lhe dessem e todo o que fosse recebendo il-o-ia guardando, e sempre queria ver se depois não havia de ter que chegasse...

E algumas noites, ao deitar-se, invadia-o tão forte a obsessão d'este desejo, que elle acabava por sonhar que era dono da loja do sr. Guimarães, do armazem de fazendas, da casa de cambio fronteira, e tudo isto fazia-lhe no cerebro uma confusão, um encalemento de idéas e de cousas, baralhando-se, prendendo-se umas nas outras, que nem saberia explicar o que sonhára.

Um dia isto terminou por lhe produzir febre, e o pobre Thomé adoecia de uma doença que dando n'um sabio se chamaria cansaço cerebral, mas que n'elle foi classificada com um nome mais simples, que não o eximiu ainda assim a que o mandassem para o hospital.

(Continúa).

A confidencia é a respiração das almas; é mais ainda é a supplica do conselho e do remedio para as tribulações ou de estímulo e fé para crer na felicidade sonhada.

CAMELO CASTELO BRANCO.

A LENDA DO AMOR

A formosa creança de cabelos cõr de oiro nasceu n'uma manhã de dezembro, quando a neve caía lenta e virginal.

Appareceram no céu certos signaes, que annunciavam a missão de amor e caridade que ella vinha desempenhar; o sol teve os seus-mais-scintillantes fulgores, uns tons rosados sobre a altissima neve, e pairaram sobre os tectos, como em adoravel primavera, os perfumes das lilazes e os gorgeios dos passarinhos.

Viu a luz do dia nos reconcavos d'uma mansarda, por humildade sem duvida, com o intuito de mostrar que apenas ambicionava os thesouros do coração. Não conheceu familia, podendo assim amar a humanidade inteira, e ter os braços sempre abertos para estreitar affectuosamente o mundo. Quando attingiu a idade do amor, abandonou a solidão em que vivêra; encetou a sua peregrinação pelos caminhos em busca dos esfomeados, a fim de os saciar com os seus olhares.

Era uma creança de olhos negros e boca vermelha como um botão de rosa. A cõr da pelle, de uma pallidez mate, ligeiramente coberta de penumegem, dir-se-ia um velludo branco. Quando caminhava, o busto tinha umas ondulações rhythmicas que enterneciam.

Depois, abandonando as palhas em que vivêra, comprehendeu que fazia tambem parte da sua missão o vestir-se de sedas e de rendas. Possuía já os thesouros dos seus dentes brancos e das suas faces cõr de rosa; soube encontrar collares de perolas brancas como os dentes, e vestidos de setim cõr de rosa como as faces. E quando apparecia tão brilhantemente ataviada, era um encanto vê-la nas limpidas manhãs de maio! Tinha o coração e os labios abertos a todos os recém-vindos. Quando encontrava um mendigo á beira do abismo, interrogava-o com um sorriso; e se se queixava das feridas e das febres lancinantes do coração, a pequenina boca prodigalisava-lhe a esmola, e a miséria do mendigo era alliviada.

Todos os pobres da freguezia a conheciam. Acotovellavam-se á sua porta, esperando a esmola. Descia de manhã e á noite, como uma irmã caridosa, distribuindo thesouros de ternura, entregando a cada um a sua parte.

Era terna e boa como um cherubim. Os pobres da freguezia chamavam-lhe o manto azul do amor.

E aconteceu que uma epidemia terrivel ceifou implacavelmente os pobres parochianos. Os symptoms do flagello eram assustadores. O coração deixava de palpitar, a cabeça desvaivava-se, e o moribundo ia definhando pouco a pouco. Os rapazes, como se foram uns titeres ridiculos, passavam saltando umas gargalhadas alvares, comprando corações nas feiras como as creanças compram guloseimas. Quando a epidemia atacava os mais fortes, a doença manifestava-se por uma desoladora tristeza, um desespero mortal. Os artistas choravam impotentes perante as suas obras; os amantes desalentados corriam a lançar-se nos rios.

Como ella soube ser divina n'esta grave crise! Creou ambulancias, tratou dos enfermos noite e dia, cicatrizando as feridas e louvando o céu pela grande tarefa que lhe destinava.

Foi como que uma providencia para os mancebos. Salvou quasi todos, e só succumbiam aquelles para quem o coração era um órgão já extincto. O tratamento era simples: entregava aos doentes as suas mãos caridosas e um sopro de vida. Nunca pedia a retribuição. Arruinava-se desdousadamente, prodigalizando as esmolas com uma insistencia adoravel.

Por isso os avaros da terra abanavam a cabeça ao verem a seductora creança distribuir locamente a grande fortuna dos seus encantos, e diziam dogmaticos:

— Ella dá por esta forma o sangue do seu coração, sem nunca lhe pesar as gotas. Terá por ultimo leito as palhas onde nasceu.

Um dia com effeito, ao interrogar o coração, achou-o quasi vazio. Teve um extremecimento de terror; possuía apenas umas insignificantes moedas de ternura. E a epidemia proseguia sempre!

A creança revoltou-se sem se recordar da immensa fortuna que locamente dissipára, mas sentindo a paixão da caridade que lhe tornava mais terrivel a miseria.

Era tão bom procurar os mendigos sob um sol formosissimo; amar e ser amada! E ver-se agora forçada a viver na solidão, esperando por sua vez as esmolas!

Por um instante, occorreu-lhe a consoladora idéa de guardar preciosamente as pequenas moedas para as gastar depois com toda a prudencia. Mas sentiu um frio tamanho, que se decidiu a sair para receber os raios do sol de maio.

Pelo caminho, á primeira esquina, deparou-se-lhe um mancebo cujo coração morria evidentemente de desalento e desesperança. Ao vê-lo, a sua caridade ardente despertou. Não podia mentir á sua missão. E radiante de bondade, aureolada pelo sacrificio, depositou o que ainda possuia de coração nos labios do infeliz, e curvou-se adoravelmente para lhe dar um beijo ineffavel:

— Toma, é o meu ultimo luz. Dá-me a demasia.

O mancebo entregou-lhe com effeito a demasia. N'essa mesma noite, mandou uma carta aos seus pobres para lhes participar que suspendia as esmolas. A seductora creança ficava com o estrictamente necessario para viver com o ultimo desgraçado a quem socorrêra.

Perguntarão: e a moral d'esta lenda?

Não se conhece.

De resto, a lenda do manto azul do amor não tem moral.

EMELIO ZOLA.

VENALIDADE

(UMA PEROLA LITTERARIA)

Muitos ministros ha no mundo, e em Portugal mais que muitos, que por nenhum caso os peitares com dinheiro. Mas estes mesmos deixam-se peitar da amizade, deixam-se peitar da recommendação, deixam-se peitar da dependencia, deixam-se peitar do respeito. E não sendo nada d'isto ouro nem prata, são os porquês de toda a injustiça do mundo.

A maior que se commettem no mundo, foi a que fez Pilatos a Christo, condemnando á morte a mesma innocencia. E qual foi o porquê d'esta grande injustiça? Peitaram-no? Deram-lhe grandes sommas de dinheiro os principes dos sacerdotes? Não. Um respeito, uma dependencia foi a que condemnou a Christo: Se não condemnaes a este, não sois amigo de Cesar. E por não arriscar a amizade e graça do Cesar, perdeu a graça e amizade de Deus, não reparando em lhe tirar a vida. Isto fez, por este respeito, Pilatos, e no mesmo tempo pediu agua e lavou as mãos. Que importa que as mãos de Pilatos estejam lavadas, se a consciencia não está limpa? Que importa, que o ministro seja limpo de mãos, se não é limpo de respeito? A maior peita de todas é o respeito.

Se se pozer em questão qual tem perdido mais consciencias, e condemnado mais almas, se o respeito, se o dinheiro, eu sempre dissera que o respeito. Por duas razões: primeira, porque as tentações do respeito são mais e maiores, que as do dinheiro. São mais; porque o dinheiro é pouco, e os respeito muitos. São maiores; porque em animos generosos mais facil é desprezar muito dinheiro, que cortar por um pequeno respeito. Segunda e principal; porque o que se fez por respeito, tem muito mais difficultosa restituição, que o que se fez por dinheiro. Na injustiça que se fez ou se vendeu por dinheiro (como o dinheiro é cousa que se vê e que se apalpa), o mesmo dinheiro chama pelo escrupulo, o mesmo dinheiro intercede pela restituição.

A luz do diamante dá-vos nos olhos, a cadeia tira por vós, o contador lembra-vos a conta, a lamina, e o quadro peregrino (ainda que seja com figuras mudas) dá brados á consciencia; mas no que se fez por respeito, por amizade, por dependencia (como estas apprehensões são cousas, que se não vêem, como são cousas que vos não armam a casa, nem se penduram pelas paredes), não tem o escrupulo tantos despertadores que façam lembrança á alma.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

O MEDICO

(A meu prezado tio, Manuel da Graça do E. Santos)

A gratidão é a riqueza do pobre.
HERIOT RUSVAL.

Sentado junto ao leito o medico velava
Uma loira creança enferma, e consultava
Um livro grosso e novo impacientemente,
As paginas voltando, a mão toda tremendo,
Soffregio e attento, o olhar inquietor e austero.
Por fim arremessou com tedio e desespero,
Com fúria dolorosa, o livro para o lado,
E a cabeça pendeu-lhe e quedou-se prostrado,
Nas mãos o rosto occulto, emquanto, uma e
Filtravam-lhe através das barbas cor de espuma
As lagrimas cruéis da derradeira es'prança!

Mas porque chora assim ao pé d'essa creança,
Porque caiu prostrado á beira d'essa cama,
Um medico ancião coroado pela fama,
Que de certo já viu muita creança morta,
Muita flor em botão que a morte ceifa e corta
Para plantar depois no seu jardim funereo?
Porque chora, se tem descido ao cemiterio
E como a negra hyena, ao funebre terreno
Os mortos arrancado impassivel, sereno?
Pois um medico chora? O domador valente
Da morte, o capitão da vida do cliente
Deixar assim o barco—essa creança nova—
A mercê d'esta vaga implacavel—á cova!?...
Um medico que assiste a tantas agonias,
Que embebe as proprias mãos nas entranhas sombrias
Dos cadaveres vis, fétidos, purulentos,
Que assiste indifferente a tantos soffrimentos,
As lagrimas da mãe, da viúva, do filho,
Regando como chuva incessante o seu trilhão,
Que contempla sem dor a nodosa cancerosa
A roer, a roer um corpo cor de rosa;
Que crava sem tremer a ponta do escarpello
N'um corpo juvenil, avelludado e bello,
Porque perdeu assim a coragem e a es'prança
E prantica e soluça ao pé d'essa creança,
D'esse lyrio já murcho e resequido e branco,
Prestes a desprender o derradeiro arranco,
E que já tem caixão e mortuario tunica?

—Ahl é que essa creança, é sua filha unica!...

Lisboa, 23 de abril de 1889.

COSTA ALBREGI.

DISTINÇÃO MERECEIDA

Por decreto de 2 de maio corrente, publicado em extracto no *Diario do governo* de 7, foi agraciado com o grau de cavalleiro da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico, o sr. Theodoro Gœbel, natural de Gelenau, reino da Saxonia, typographo distinctissimo e escriptor profissional de grande e justificada reputação.

Em o n.º 42 da *Imprensa* publicámos uma singela noticia biographica, que acompanhámos do retrato, do modesto auctor da magnifica monographia que se intitula *Frederico Kœnig e a invenção do prélo mechanic*, e por essa occasião prestámos a devida homenagem ao talento, variados conhecimentos e nobilissimas qualidades do sr. Gœbel, cujos serviços á typographia são reconhecidos como de primeira ordem, não só em toda a Allemanha como em França, Inglaterra, e até nos Estados Unidos da America do norte, onde o seu nome é querido e respeitado como

auctoridade indiscutível em todos os assumptos, que dizem respeito ás artes graphicas.

E o sr. Theodoro Gœbel, como os nossos leitores por certo não ignoram, socio honorario da associação typographica lisbonense e artes correlativas, á qual tem offerecido os seus interessantes livros, e brindado com abundantes collecções de preciosos specimens de delicados trabalhos de phantasia das melhores officinas da Allemanha, Austria, Inglaterra e America do norte. Acresce, que o sr. Gœbel se ha sempre mostrado mui affecto ao nosso paiz, cuja historia e litteratura lhe não são estranhas. De como se interessa pelos seus progressos, esperámos poder, dentro em pouco, apresentar irrefragaveis provas n'esta *Revista*.

Por todos os motivos, pois, bem merecida foi a mercê com que o chefe do estado distinguiu o sr. Gœbel, por proposta da associação de que é brilhante ornamento, official e eficazmente patrocinada pelo sr. conselheiro administrador geral da imprensa nacional.

F. PEREIRA E SOUSA.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Alcançam ao 1.º de janeiro de 1887 os documentos estatísticos publicados até agora sobre a produção industrial na Europa.

O anno de 1886 mostra a seguinte classificação dos diferentes estados europeus no ponto sujeito. Eis o valor da sua produção annual em francos:

Gran-Bretanha	20.500.000:000
França	13.000.000:000
Allemanha.....	12.000.000:000
Russia	6.000.000:000
Austria Hungria.....	5.250.000:000
Belgica	3.000.000:000
Italia.....	2.925.000:000
Hespanha	2.400.000:000
Hollanda	1.000.000:000
Suecia e Noruega	925.000:000
Suissa	800.000:000
Portugal.....	500.000:000
Dinamarca.....	400.000:000
Turquia e Grecia.....	20.000:000
Principados Danubianos ..	5.000:000
Total, no anno de 1886 ..	68.725.000:000

Occupa a Inglaterra o primeiro logar, a França o segundo; segue-se-lhe de perto a Allemanha. Convem advertir que a propria Inglaterra é excedida em muito pelos Estados Unidos da America, cuja produção annual em 1886 foi avaliada em 26.000.000:000 de francos, ou mais de 25 por cento!

Tem estes algarismos, para o economista, um alcance consideravel, mórmente approximando-os dos grandes progressos industriaes realizados desde poucos annos nos outros paizes da America, onde tudo se transforma por modo a pôr em contingencia, n'um futuro proximo, a supremacia, até agora intactada, da velha Europa.